

JORNAL: Courier da Manhã LOCAL: Aquodara
DATA: 01/09/1960 AUTOR: Jayme Maurício
TÍTULO: Serpa de nada sabe
ASSUNTO: Ivan Serpa versus Lúcia Clark

2.º Caderno

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

LÚCIO COSTA, SEVERO, AOS ESTUDANTES:

“Leviandade presumida e pernóstica”

Um jornal hebdomadário do Rio publicou domingo último um artigo referente a um suposto protesto de estudantes de arquitetura contra a construção de um edifício nos terrenos fronteiros ao Ministério da Educação.

Lúcio Costa, citado nessa publicação, foi ouvido a respeito pelo “Itinerário”, e nos declarou textualmente, com exclusividade, o seguinte:

— “Os terrenos onde se fará a construção, em parte doados pela antiga Prefeitura e em parte adquiridos, pertenciam à Fundação Getúlio Vargas, que pretendeu há tempos construir um edifício em toda a sua extensão, da Avenida Graça Aranha à Igreja de Santa Luzia, de acordo com o projeto do arquiteto Jorge Moreira. Impedida de fazê-lo pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Fundação resolveu, depois de muitos anos, instalar-se na Praia de Botafogo, e para prosseguimento das obras iniciadas neste último local, precisou vender a parte que havia adquirido no Castelo, comprometendo-se então a Prefeitura a permutar a parte doada por terreno de valor equivalente, no propósito de estender até a Rua Santa Luzia o jardim fronteiro ao Ministério, garantindo-se

assim, definitivamente, o desfêgo do edifício tombado.

Fui consultado e dei parecer favorável à solução alvitada, parecer que serviu de base à aprovação do projeto pela DPHAN.

Devido à proximidade do Ministério, julguei necessário exigir-se que o pano de vidro das fachadas do novo edifício descesse até o chão. Qualquer arquiteto ou estudante que se preze compreenderá porque.

O diretor da DPHAN defendeu sempre o desfêgo total da área interessada. Verificado, porém, não ser isto praticável, não lhe cabia mais protelar a solução, uma vez que estavam em jôgo legítimos interesses da Fundação proprietária. Resolveu, pois, como lhe cumpria, de acordo com o parecer dos técnicos responsáveis e de modo que considero feliz.

Repugna-me no artigo, não tanto a leviandade presumida e pernóstica dos tais “estudantes de arquitetura”, como se permitirem julgar da correção e do zêlo artístico de Oscar Niemeyer, e ignorar o que a personalidade de Rodrigo Melo Franco de Andrade — este cidadão e administrador exemplar — significa e simboliza”.

HENTZEN E A ESCULTURA ALEMÃ



Gerhard Marcks

Na exposição arte alemã que veremos amanhã, sexta-feira, às 18 horas no Museu de Arte Moderna do Rio, a escultura está representada por pouco mais de duas dezenas de obras, correspondente a uns 18 artistas, o que já é um bom índice, considerando, sobretudo a nossa pobre escultura, e mais uns 10 ou 15 escultores que bem poderiam ser incorporado a atual mostra, caso ela pudesse ter sido mais ampla (nunca se está contente nessa fome de conhecimentos dos europeus) ou retrospectiva. Não estão presentes, por exemplo, dois mestres do movimento moderno da escultura alemã: Barlach e Lehbruck. Faltam ainda os nomes de Philipp Harth de Mayence, Hermann Blumenthal, Heinrich Kirchner, Kasper, Hildebrand, Hermann Hahn e outros. O professor Alfred Hentzen, entretanto, explica esse aspecto, apontando os valores em ordem cronológica:

— A escultura nesta exposição teve que manifestar-se em condições mais modestas. A geração mais antiga, que encontrara estilo próprio antes de 1933 e continuara a trabalhar incansavelmente durante a época sombria, é representada por três escultores: Gerhard Marcks, Toni Stadler e Ewald Mataré. Partindo das formas de expressão de Ernst Barlach e Wilhelm Lehbruck, Marcks evoluiu para o extremo oposto, atingindo uma vigorosa forma estilística inteiramente pessoal, que o tornou o principal escultor do norte da Alemanha. Stadler, mestre proeminente em Munique, de sua geração, aperfeiçoou seus estudos baseando-se em modelos arcaicos e etruscos, mas chegou recentemente a soluções figurativas completamente independentes. Mataré criou o que há de mais singular em esculturas de animais fortemente abstratas. Sendo, porém, artista de muitas facetas, atuou com sucesso em vários outros campos — cinzelou portas de bronze para a catedral de Colônia e para a Igreja da Paz de Hiroshima, produziu vitrais para a sé de Aix-la-Provence, etc. Alfred Loercher e um pouco mais velho do que os 3 escultores citados. Sua arte singularíssima e engenhosa começou a ser devidamente apreciada somente nos últimos anos.

O professor Hentzen continua passando a falar do “après-guerre”, quando passaram para o primeiro plano, ao lado dos mestres já acatados, novos talentos como Hans Uhlmann, que criara no arame e no aço obras não-objetivas, segundo o espírito da era da engenharia, diz o crítico, e Karl Hartung, em cuja obra os elementos figurativos e abstratos marcavam encontro.

— Em seus enormes trabalhos mais recentes, Hartung obtém inquietante força de expressão pela livre transformação das formas da natureza. Ao lado destes dois, trabalham ainda em escultura, embora mais próximos da figura humana, outros artistas de mais ou menos a mesma idade, como Hans Meffel, Gustav Seitz e Heinrich Kirchner, todos eles com igual severidade formal.

MONUMENTOS DO PERU NO IBIRAPUERA

Na terça-feira última, foi inaugurada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, uma exposição de fotografias documentárias das ruínas arqueológicas do Peru, sob os auspícios do Consulado Geral do Peru, organizada pelo sr. Jorge Leon Linares, conservador das ruínas de Pachacamac, a 15 quilômetros de Lima, o qual recolheu o material durante anos de extensivas pesquisas e estudos.

As fotografias foram executadas pelo Serviço Aerofotográfico Nacional do Peru e mostram alguns aspectos importantes dos monumentos ar-

queológicos dos quais há grande riqueza em todas as regiões da costa e da cordilheira.

As civilizações pré-colombianas focalizadas por essa mostra, são a Mochica, Inca, Nazca, mostrando algumas escavações em curso as ruínas de templos e fortalezas, exemplos de cerâmicas rituais entre as quais se destacam as Mochica.

O Sr. Jorge Leon Linares, é um estudioso do legado artístico dos antigos peruanos, o que o levou a trabalhar, em 1952, no Museu Nacional de Antropologia e Arqueologia. É atualmente encarregado da conservação do Santuário de Pachacamac e da catalogação das peças arqueológicas que vêm sendo descobertas na referida zona.

A exposição, de caráter documentário, depois de apresentar em nossa Capital, deverá seguir para Brasília.



Toni Stadler

Concluindo o diretor dos museus de Hamburgo fala de jovens:

— A geração mais jovem movimentou-se, à semelhança dos pintores, por múltiplos caminhos experimentais. Ao lado de artistas que forjam o ferro, como Werner Reichhold e Friedrich Werthmann, ou combinam e soldam materiais de ferro, como Brigitte Meier-Denninghoff, outros criam em bronze fundido formas livres, que se assemelham muito mais a plantas do que a figuras. Entre estes encontram-se Otto Herbert Hajek, Emil Cimiotti, Guido Jendritzko. Todavia, também nesta categoria cronológica, robustos talentos como Fritz Koenig e Helmut Rogge mantêm-se fiéis à figura humana, embora de modo amplamente abstrato.

Se considerarmos que os chamados pais da escultura moderna alemã (Barlach e Lehbruck) trabalharam sobretudo no começo do século, fazendo o primeiro na I Guerra e o outro na II Guerra, a escultura alemã é fecunda, sobretudo se a considerarmos com a brasileira — e o paralelo é lícito — cujas tradições vão mais longe, até o Aleijadinho, encontra novo alento com Brecherat e Celso Antônio entre 1920 e 1930, continua com Maria, Bruno Giorgi, Felicia Leirner, e só mais recentemente deu algumas mostras de vigor com Mário Cravo Jr., Franz Waissmann, algumas experiências de Kasper Fejer, Sacilotto, Lígia Clark e Amílcar de Castro e alguns trabalhos de Zélia Salgado, Moussia Pinto Alves, Ceschianti e Pola Rexende. O número, afinal, até ficou grande, mas se pensarmos nas características da obra, como coisa realizada e artisticamente válida, o que fica conta-se nos dedos de uma só mão. Nunca será demais bater nessa tecla, embora o façamos sem nenhum prazer.

EXPOSIÇÃO MARIA LEONTINA

Continua com grande êxito a exposição de Maria Leontina no Studio de Fayga Ostrower e Decio Vieira, com exposições orientadas por Gilda Vieira, na rua Djalma Ulrich, 346, Copacabana, 1.ª rua antes de chegar ao terceiro túnel, entrando pela esquerda. Visitação pública de segunda a sexta-feira, entre 15 e 19 horas, e 21 a 23 horas. Gilda Vieira atende também pelo fone 57-1127. A exposição de Maria Leontina engloba 17 telas de “Os Episódios” e será encerrada no dia 16 de setembro. A próxima exposição será de Elisa Martins da Silveira.

SERPA DE NADA SABE

A propósito de uma nota que demos há dias, sobre um incidente que teria havido entre Ivan Serpa e Lígia Clark, a propósito de um catálogo, disse-nos o primeiro nada saber a respeito — imprimira o seu catálogo na Espanha em 1958. Era tudo. E contou algo do seu trabalho — fará uma exposição individual no Museu de Arte Moderna do Rio em 1961, e talvez aceite o convite que lhe foi feito para expor na África do Sul. A mostra do Museu, em 1961, compreenderá cerca de 10 anos de pintura de Ivan Serpa, desde que foi premiado na I Bienal de São Paulo, em 1951, com uma tela concreta.